

A LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Leiliane Aline Rodrigues Vieira*

RESUMO: Este artigo fala sobre o estudo da Língua Portuguesa, seu domínio e a maneira como é trabalhada em sala de aula, fazendo uma relação aos conceitos e ensinamentos do Português padrão e Português não padrão. Nesse contexto relatam-se as variações linguísticas, preconceitos linguísticos e como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) abordam essas variações no Brasil. Propõe-se aqui um novo comportamento do docente diante a Língua Portuguesa, tornando-se investigador de tal (língua portuguesa) para novas formas de se aplicar e utilizar a língua na sala de aula, trazendo assim a simpatia dos alunos quanto ao estudo da mesma, tornando-o um cidadão crítico e reflexivo perante a linguagem.

PALAVRAS CHAVES: Língua Materna; Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Comportamento Docente.

THE PORTUGUESE LANGUAGE AND ITS LINGUISTIC VARIATIONS

ABSTRACT: The study of Portuguese, its domain and the manner it is taught in the classroom are provided through the relationship to concepts and teachings of standard and non-standard Portuguese. Linguistic variations, linguistic bias and the manner the Brazilian Curricular Guidelines deal with such variations are reported. New attitudes for teachers of Portuguese are suggested, especially that of the teacher-researcher for new application forms and for language usage in the classroom. This will certainly bring about students' sympathy with regard to the study of the language so that they would be critical and reflexive citizens vis-à-vis the language.

KEYWORDS: Mother Language; Linguistic Variation; Linguistic Bias; Teachers' Behavior.

* Graduada em Letras – Português/Literatura; Especialista em Língua Portuguesa; Mestrado em Educação – UDE; Artigo como requisito avaliativo para a disciplina de Fundamentos da Educação. E-mail: leilianealine@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No ano de 1990, o linguista e educador britânico Michael Stubbs escreveu que toda área da língua na educação está impregnada de superstições, mitos e estereótipos, muitos dos quais têm persistido por séculos e, às vezes, com distorções deliberadas dos fatos linguísticos e pedagógicos por parte da mídia.

Infelizmente, depois de tantos anos ainda se depara com uma gramática normativa da língua-padrão em foco na mídia e essa (a mídia) a tratando com exuberância e esplendor que não possuem. Constatase diariamente o aluno “abofelado” por tais gramáticas que lhes são impostas sem nenhuma razão lógica para o seu dia-a-dia. Regras, nomenclaturas infinitas são impostas ao aluno como fórmula feita, pronta e acabada, desrespeitando completamente o real sentido de se ensinar a Língua Portuguesa.

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades, aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas de língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniosas. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência. (BRASIL, 1998, p. 81-82)

Entendendo a língua como “uma unidade composta de muitas variedades”, como a citação acima revela, não se pode impor aos alunos uma gramática padrão, não valorizando as diversas variedades linguísticas existentes no país – Brasil – conhecido pela miscigenação do seu povo, por sua variedade cultural, principalmente linguística. Porém, no contexto de estudo da língua e suas variantes o que se vê é algo totalmente ao contrário. Sabe-se que é possível, sim, estudar a variação linguística sob um novo olhar na perspectiva de ensino-aprendizagem, mas a resistência dos gramáticos

(e professores) em manter seu foco no Português padrão sobre o Português não padrão implica manter os alunos como seres traumáticos e escutando diariamente frases como: “Português é muito difícil”, “não consigo aprender gramática”, “não escrevo bem porque não falo bem”. E tudo isso porque, ao invés de serem desafiados e motivados a expressarem seus pensamentos através de debates (oral) e textos (escritos), são lhes impostas regras e nomenclaturas gramaticais infundáveis.

As considerações acima explicitadas como afirmações dos alunos em relação ao estudo da Língua Portuguesa é perfeitamente explicado por Bagno (2006, p. 35) quando ele diz: “todo falante nativo de uma língua sabe essa língua (...) isso significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela”.

E pensando nisso, não se pode deixar de lado a variação do “ser”, mostrando como verdade a língua culta (Português padrão), abolindo-o sem nenhum respeito à variedade intrínseca do aluno que acaba de chegar à escola. Esse Português - padrão - vem como verdade absoluta, como se a vida começasse naquele momento.

Linguistas e estudiosos buscam uma nova proposta acerca do ensino da Língua Portuguesa respeitando a sua diversidade e trabalhando a variedade desta (Língua Portuguesa) de forma clara e coerente com a realidade.

2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: O QUE SÃO?

A linguística atual revela que a língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem – a diversidade, a compreensão e a possibilidade de mudanças. Mudanças essas que acabam sendo “dolorosas” pela “incapacidade” dos indivíduos (os que cercam) para aceitar e respeitar tais (mudanças).

Como já foi dito, o Brasil é um país diversificado e sua língua composta de diversas variantes.

Torna-se impossível nivelar a língua devido a muitos fatores expostos nela, fatores social, histórico, geográfico e cultural. Precisam-se aceitar as variações e

estudar o que as provoca, para compreendermos melhor esse processo que se dá na língua.

Essas variações são divididas de acordo com seus traços marcantes. Algumas delas são:

Seu delegado, diga Vossa Senhoria
Eu sou fi de uma famia que num gosta de fuá
Mas trás de onteonte, no forró de Mané Vito,
Tive que fazê bunito, a razão vô lhe explicá
(...) (DANTAS; GONZAGA, 2000)

2.1 FAIXA ETÁRIA

A sociedade é composta de pessoas de diversos níveis de idade e, assim como “as roupas”, as palavras também possuem certo modismo e acabam caindo em desuso; são “as diferenças sociolingüísticas intergeracionais; os avós falam diferentes dos filhos e dos netos (...)” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47).

2.2 SOCIOECONÔMICO

As classes mais baixas possuem uma forma de falar diferente das pessoas com maior escolaridade, o uso de gírias e jargões é bastante acentuado nesse grupo de falantes, tais (falantes) “não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite (...)” (BAGNO, 2006, p. 42).

Torna-se claro que quem possui maior poder aquisitivo acredita ser um falante culto e superior às demais classes variantes, levando-nos a um mito lingüístico, pois o prestígio social nada tem a ver com a língua, como tantos acreditam, ajudando apenas a fazer uma divisão preconceituosa da língua: Português padrão x Português não padrão.

2.3 REGIONAL

O Brasil, na sua divisão regional, divide também os “falares” de sua gente e essa variação é uma das mais vistas, comentadas e que mais sofre preconceito (veremos mais sobre preconceito lingüístico no item seguinte). Cada região possui o seu dialeto, emprego e significado de algumas palavras que podem variar de acordo com local.

O falar típico de um determinado grupo social pertencente a algumas cidades do interior do Nordeste retrata fortemente essa variação. Observe um trecho de uma letra de música do cantor e compositor Luiz Gonzaga, considerado o rei do Baião:

3 O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

A partir do momento em que determinado grupo fala de uma forma “diferente” da habitual (Português padrão; formal), esse grupo passa a ser discriminado e sofre atos preconceituosos de colegas, e até mesmo (ou principalmente) da escola. A língua formal é tida como a língua correta, única e verdadeira, pois é ela que é aplicada na escola e usada nas classes predominantes – aqueles que tiveram acesso à escola e à sua norma culta – excluindo toda e qualquer variação que seja contrária ao que os manuais dos gramáticos lhes impõem.

Não se pode afirmar aqui que isso se dê por despreparo da escola e de seus docentes que, em uma tentativa de formar uma sociedade “mais culta”, não levam em conta a educação informal e as contribuições lingüísticas que esses alunos levam à escola e acabam estabelecendo mitos de que “o português é muito difícil”, “só o português de Portugal é correto” (dentre outros mitos desmistificados por Bagno). Mas se acredita que na formação docente está o maior “vilão” da lingüística.

Um dos mitos que norteiam o preconceito lingüístico é que só em Portugal sabe falar Português. Bagno afirma veementemente “que o brasileiro sabe sim, falar português, o que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal” (BAGNO, 2006, p. 24).

O preconceito da eterna comparação do Português do Brasil com o de Portugal não se torna menor do que o sofrido pelas classes desprestigiadas, ou aqueles que moram em determinadas regiões do país.

Entende-se que a principal função da língua é estabelecer a comunicação, mas se depara com seres usando-a (a língua) para manipular as pessoas, maquiagem alguns absurdos e excluir quem não possui “manejo” direto com a língua. Os variantes que não dominam a forma culta são discriminados e tidos como seres

desinformados, porque para a elite eles não podem ser considerados apenas “um falar diferente”, pois para os mesmos (grupo dominante) aceitar o “diferente” só se ele for oriundo de outra língua.

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p. 29).

A Língua Portuguesa e suas variedades são vistas como objetos distintos e, essas variedades, encaradas de forma repulsiva diante dos olhos dos gramáticos e das regras e nomenclaturas impostas na escola, acentuando, assim, ainda mais o preconceito linguístico.

3.1 A ESCOLA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A pergunta norteadora entre os grandes linguistas é de suma importância para abrimos esse item no artigo: ensinar gramática ou ensinar a ler/escrever?

A escola até os dias de hoje não conseguiu seduzir os alunos para o ensino da linguagem; acontece exatamente o contrário, pois consegue “expulsá-los” das salas de aula com a quantidade absurda de regras impostas aos mesmos, o que leva a constatar que a forma como a língua vem sendo trabalhada não está de acordo com o que prega a própria gramática ao dizer que ela (a gramática, norma culta) é um conjunto de regras que sustenta a prática de uma língua (com suas variedades). E como se pode ensinar a gramática sem ser dentro da prática real, funcional da língua, quer falada, quer escrita? Este é um dos pontos de conflito entre ensino escolar e o uso da escrita.

Se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta,

discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações (TRAVAGLIA, 2009, p. 41).

Poeticamente Drummond faz o leitor refletir sobre esse ensino de linguagem quando diz:

A linguagem
Na ponta da língua
Tão fácil de falar
E de entender.

A linguagem
Na superfície estrelada de letras,
Sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
E vai desmatando
O amazonas de minha ignorância
Figuras de gramática, esquípáticas,
Atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
Em que pedia para ir lá fora,
Em que levava e dava pontapé,
A língua, breve língua entrecortada
Do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.
(ANDRADE, 1979)

Assim como Drummond, diversos linguistas vêm se pronunciando no ensino da língua, defendendo a ideia de que precisamos ensinar o nosso aluno a compreender a linguagem para que se possa escrevê-la de maneira clara e “correta”.

Juliana Oliveira, em seu artigo “Variações linguísticas em sala de aula” conclui que o homem é um sujeito social que interage, influenciando e sendo influenciado pelo meio; sendo assim, cabe ao professor mediar este processo, no caso da língua, apresentando as variedades linguísticas. E, sendo o aluno esse sujeito social que interage, cabe à escola o papel de mediador sem menosprezar qualquer tipo de variedade.

O que parece óbvio é que a postura do professor diante dessa situação precisa ser mudada, a forma como o docente transmite a gramática, a norma

padrão, para os seus alunos necessita ser reavaliada partindo do pressuposto de que os alunos refletem seus professores. O primeiro passo é contextualizar a gramática, de fato, e verificar insistentemente o processo de ensino–aprendizagem focado na língua/linguagem.

A prática docente vem sendo estudada e analisada durante muito tempo, pois está sofrendo com a má formação dos professores e a descrença dos mesmos em relação à educação. Isso reflete diretamente nos alunos, pois o professor que não explora a língua e não investiga as suas variedades a explorará – língua – de uma forma mediana, fazendo com que o aluno tenha o mesmo conhecimento e afinidade que o seu mestre. A partir do momento em que o professor negligencia a sua função de investigador e amante da natureza ele vai de encontro com o verdadeiro objetivo que a escola tem. A escola surge como um antídoto contra a ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente (SAVIANI, 1987, p. 10).

Bagno diz que os professores “em vez de reproduzir a tradição gramatical deve produzir seu próprio conhecimento da gramática” e, assim, transmitir um conhecimento verdadeiro e lógico da língua.

Como se pode observar, a mudança na compreensão da linguagem inicia-se no professor e este deve ter esclarecimento suficiente para entender a língua materna; por isso é fundamental que professores tornem-se cientistas, investigadores da língua.

Cabe relatar aqui também que essas práticas docentes apontam o erro de uma forma retrógrada e consolida-se essa afirmação com a passagem muito feliz de Possenti (1996, p. 30):

A definição de erro é um problema complexo, e não apenas uma questão de norma gramatical da língua escrita (...) os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas, se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos deferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas.

Não se defende aqui que seja pregado todo e qualquer erro como certo, que tudo vale e que de qualquer forma vai ser aceito e ser válido; defende-se aqui uma nova forma de cuidar da língua, estudá-la e repassá-la ao alunado. Uma nova forma pautada na reflexão sobre as variedades linguísticas, despertando um olhar cuidadoso perante os preconceitos existentes, tornado, assim, o ensino da língua materna mais interessante e eficaz fazendo com que o estudante encare a língua como viva, renovada e gratificante.

O que se pretende aqui é provocar tanto professor quanto aluno a fazer uma releitura do que é realmente a Língua Portuguesa e perceber que certos “erros” não passam de preconceitos e maneiras errôneas de se ver a língua/linguagem, focando em gramáticas contextualizadas e ensinando o aluno a compreender a linguagem para só então escrever com adequação. Espera-se, então, uma postura reflexiva sobre que tipo de educadores está sendo formado e de que maneira contribuirá para formar uma sociedade mais justa, digna com respeito às diversidades e formando cada vez mais sujeitos críticos e reflexivos diante da língua materna.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Portuguesa é envolta de vários mitos que dificultam a sua compreensão quando não desmistificados. A forma como a Língua Portuguesa vem sendo trabalhada no cotidiano escolar vai de encontro ao que realmente se espera de um sujeito que compreende a língua.

A variação de nossa língua é fato incontestável e os conceitos e preconceitos que giram em torno dessa variação marginalizam uma grande parte dos falantes da língua, prestigiando os de classe dominante que possuem o conhecimento da norma culta. Compreendemos o crescente distanciamento entre a língua padrão e as variedades encontradas, bem como a efetivação de forma culta como a língua correta e única, iludindo o aluno (e a si mesmo) que, para que ele possa ter um nível culto, precisa compreender as regras, nomenclaturas infundáveis aplicadas pela gramática normativa.

É necessário que o docente investigue a sua língua e propicie aos alunos uma compreensão adequada respeitando os seus diversos “falares”, levando em conta as diversas afirmações fundamentadas por grandes linguistas aqui apresentados e faça análise particular enfatizando: Como estou contribuindo para o bom funcionamento da Língua Portuguesa? Só assim teremos êxito na construção de uma sociedade de leitores ativos e amantes da língua, com senso crítico e reflexivo. Assim estaremos, de fato, ensinando a “Língua Portuguesa”.

ago. 2012

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

Recebido em: 23 outubro de 2012

Aceito em: 06 dezembro 2012

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. **Aula de Português**. 1979. Disponível em: <<http://www.drummond.memoriaviva.com.br/alguma.poesia/aula-de-português>>. Acesso em: 25 ago. 2012

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 41. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo, SP: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

DANTAS, Z; GONZAGA, L. Forró de Mané Vito. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Eu só quero um forró**. Rio de Janeiro, RJ: BMG, 2000. 1 CD (36 min.). Faixa 1.

OLIVEIRA, Juliana Cristina dos. Variações linguísticas em sala de aula. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, 2011. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela11/artigo3_revelaX.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2012.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 24. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, Janete S. dos. Letramento, variação lingüística e ensino de português. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Centro de Pós-Graduação de Tubarão/SC. <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/8%20art%206.pdf>>. Acesso em: 22